

A COLOMBO

(O Estabelecimento em 1901 — Uma história onde entra o poeta Albano)

Luiz Edmundo

No começo do Século nós vamos encontrar a “Colombo” funcionando num prédio de mau estilo, loja e sobrado, com o número 34, à rua Gonçalves Dias. Salão pequeno. Pequenas mesas. Espelhos curtos sobre as paredes com pintura a óleo. De grande, na casa, só a taboleta, fora, toda em lona esticada, num painel enorme, posto sobre um “chassis” de madeira da terra, pesando no gradil da sacada de ferro, por onde espiam cinco janelas baixas, feias, de bandeira de vidro e de sobrançelas de gesso.

Quatro são as portas que dão entrada para a confeitaria. Junto a uma delas, bem à vista de quem passa, há um empa-dario de ferro e de cristal e, mais para o centro da sala, um outro, ambos aquecidos, ambos a fumer, entre nuvens ligeiras de fumaça, porque empadas, empadões, maravilhas, croquetes e pastéis, bem como toda a gama de petiscos da regional pastelaria, só se compreendem, no tempo, quando devorados a ferver, a queimar...

Cada empa-dario mostra, à porta, o seu Cerbero, montando guarda, o olho aritmético em vigia, para que o freguês não abuse dos erros de soma, lesando a caixa. Cerbero, no entanto, não intervém na escolha do manjar, olha somente, conta, fiscaliza. Se lhe indagam, porém:

Quanto a maravilha de siri? Dois tostões... E na hora de pagar, quando ouve o freguês: Creio que comi oito pastéis... Quase sempre corrige: Comeu nove...

Na escolha da iguaria entram, pelo empadário, mãos limpas e mãos sujas, antihigienicamente, a derrubar pilhas de empadas e pastéis, à cata das maiores peças, das mais quentes ou das de melhor aspecto. Presa a um gancho que avança da armação de ferro, há uma toalha enorme, cor de chocolate onde se limpa o dedo emporcalhado de manteiga. Há quem leve esta toalha aos lábios. Fazem-se coisas piores, pelo tempo. A Diretoria de Saúde Pública ainda é uma repartição de cavalheiros que usam sobrecasaca e cartola, que pesam no orçamento da despesa, mas que acharão ótima essa toalha, e prática e natural a idéia de revolver, a mão imunda, o alimento que vai servir a todos...

Estreitas, pelo tempo, não são, apenas, as ruas da cidade: são as idéias também...

Não confundir, já que falamos nessa toalha de empadário, com uma outra que existe, ao fundo da loja, junto à pia de lavar as mãos, toalha que, a qualquer momento, espremida, deve dar, no mínimo, um balde d'água. No mínimo.

Emílio de Menezes, certa vez, nela querendo enxugar as mãos, ainda mais as molhou; gritando, por isso, a um funcionário da casa, que passava:

— Eh! Garçon! traga-me um pano qualquer para enxugar essa toalha...

Antes de fechar o estabelecimento, as sobras dos empadários vão alimentar o estômago da pobreza envergonhada. Às nove e meia já ronda gente à porta. São homens de ar melancólico, os chapéus descidos sobre os olhos, senhoras de mantilhas, creanças pálidas que choramingam, todos eles à espera dos embrulhos de pastelaria ou doce que vão ser distribuídos como se fossem níqueis. É por essa hora, mais ou menos, que chegam os guardas noturnos da zona, de roupas de brim e enormes gaforinhas, falando alto, gingando, fumando cotos de cigarros. Têm, eles, as primícias das sobras, ainda mornas, ainda dentro do empadário. Comem. Fartam-se. Regalam-se. Vezes, alargam os cinturões de coiro, pedem um palito, esgravatam a dentuça podre, e saem, depois, o passo tardo, bamboleando, sestrosos, não sem dar ao Cerbero que está montando guarda à estufa o “boa noite” da pragmática, e o “muito obri-

gado” da boa “indução”. Nada pagam. São de qualquer forma honestos e muito úteis servidores. Gozam uma praxe. Em outras casas de gênero o mesmo se pratica.

Quando aqui chegou, vindo de Viena, onde estudava, desde menino, o poeta José de Abreu Alban● (seu avô foi o Barão de Aratãha), trazendo a mais vasta cabeleira já descidas em terras brasílicas e uma barba em novelo que lhe dava o bíblico ar de um Yokenan que usasse “croisé” de sarja, poiainas e monóculo, um grupo de boêmios do Café Paris, levou-o, pela hora das sobras e dos guardas noturnos, à porta da Colombo. E o Santos Maia disse-lhe:

Você chega ao Brasil mas não conhece os hábitos da terra. Ouça o que vou dizer. Vê você esse torreão minúsculo de ferro e de cristal, que aí está plantado à porta? É um empadario. Empada é uma pastelaria indígena, feita de farinha de trigo, manteiga, azeitona, palmito e camarão. Manjar de deuses. Aproxime-se. Sorva esse cheiro bem que erra, dançando no ar.

E Albano, ingênuo e simples, ergueu a massa inocente do béque, dilatou as narinas, sorvendo, com prazer, o suave olor fugido do empadario.

— Na verdade, é magnífico!

Será bom explicar-se que o bohêmio, na luta com a família e separado dela, até então não jantara, nem mesmo tinha feito a refeição do almoço. Para iludir o estômago, bebera, apenas, no “Paris”, uma série de tristes copos d’água. É quando o Maia lhe diz, ainda, olhando um guarda noturno que em frente à porta da estufa de ferro e de cristal termina a sua última empadinha: — Aqui, depois das nove horas, come-se sem pagar toda e qualquer sorte de pastelaria. É tradição da casa, que o alimento não guarda de um dia para o outro. Poeta Albano arregala furiosamente o olho míope, iluminado num sorriso, arripiando a barba: — Pode lá ser?

E o Maia:

— Antes, para que possa você ter, de que eu digo, uma clara certeza, olhe o guarda noturno que está a limpar as mãos naquela toalha marron, depois de ter comido o que bem quis. Repare.

Albano olha e vê o guarda, após o gesto da toalha, gentilmente tirar o seu “bonét” e dizer ao garçon de sentinela ao empadario:

— Boa noite e obrigado!

— Então, insiste Santos Maia, convenceu-se?

E o poeta Albano, mais que convencido:

— Vocês, então, não querem comer comigo algumas empadinhas?

Os que acompanham declaram-se fartos. É quando alguém lhe responde:

— Coma você, homem, que nós, aqui mesmo à beira da calçada, o esperamos... Poeta Albano avançou, pondo, logo, em exercício a queixada nervosa que um apetite de lobo atiçava e movia.

E os outros em bolo, muito atentos, fóra, contando, lentamente, as empadas que ele vai devorando:

— Duas, três, quatro, cinco... dez... quatorze... dezesseis.

Em dado momento, Albano suspende a refeição, arfa e desabotoa dois terços de colete. Santos Maia, aproveitando a trégua, diz-lhe, a fim de despistar o garçon, no idioma de Goethe: — Vergesse nicht dem Kelner Besten Danke zu sagen! O que ainda significa na língua do país: Não esquecer de dar boa noite ao caixeiro. Boa noite e muito obrigado!

— Ich sah dem Nachtwachter, responde, Albano continuando a comer. Tradução: Sei o que devo fazer. Vi o guarda.

Ataca o poeta a vigésima empada! Depois, vai ao balcão mais próximo, reclama um copo d'água, bebe-o voluptuosamente, molhando a barba, e dirigindo-se ao garçon de empadario, diz, então, cortezmente, a derrubar o seu chapéu enorme:

— Boa noite e muito obrigado!

— Peço desculpas, retruca o funcionário, barrando-lhe a passagem, são dois mil réis!

Em seu socorro parte o Santos Maia que diz, logo ao garçon:

— Eu reclamo a presença do Lebrão!

Vem o Lebrão, desconfiado, saber de que se trata. Maia pigarreia. Toma a palavra. Ora. Começa mostrando como a

fisiologia evoluiu até a Grécia de Péricles, para chegar a Diógenes, não sem citar o seu desprezo pelas convenções e a riqueza criada pelo homem.

No intuito de impedir que o Lebrão escape, fugido aos surtos da retórica maiesca, dois bohêmios seguiram-lhe os dois pulsos. Ouve Lebrão, a exposição fluente que, no fundo, pleiteia, para Albano, as mesmas regalias do guarda que o precedera no devorar de pastéis e de empadas, não sem provar, em linguagem castiça, que, se um vive a zelar pela guarda das portas, zela o outro, também, pelo prestígio do idioma. Grande salva de palmas.

Muito bem! Muito bem!

Lebrão sorri e declara que, apenas, o discurso é grande e belo demais para despesa tão pequena...

Maia, velhaco, arregala os olhos e a firmar-se na frase que ele solta, reclama, aí o necessário, equilíbrio...

Riem todos, achando graça.

Sem demora, a revelar espírito de lógica e bom humor, manda o Lebrão distribuir vinho aos presentes pagando, assim, em Porto, o discurso do Maia.